

DESTAQUE CASO BPN

16h30

A Chegada

Oliveira Costa, ex-presidente do BPN e da SLN, chegou ao Parlamento a cambalear, com uma pasta na mão e rodeado por dois guardas prisionais. O arguido chegou ao Parlamento com 30 minutos de atraso.



Paulo Figueiredo

16h33

Recusa falar

"Vou falar lá dentro". Esta foi a única frase de Oliveira Costa, o único arguido do caso BPN até ao momento, antes de entrar para a sala da comissão parlamentar que já estava lotada, com jornalistas e deputados.



Paula Nunes

18h00

O primeiro dos intervalos

Oliveira Costa definiu as regras. Ler uma declaração inicial e depois responder às perguntas dos deputados. E combinou com Maria de Belém a necessidade de fazer vários intervalos para descansar devido a problemas de saúde.

João Paulo Dias



Oliveira Costa fala de boicotes, mentiras e de Pilatos

O ex-banqueiro denuncia a "estratégia de boicote" dos accionistas, num processo de controlo da SLN. Miguel Cadilhe e Dias Loureiro foram outros alvos.

Lígia Simões

lsimoes@economicasgps.com

José Oliveira Costa rompeu ontem o silêncio no Parlamento. Durante as mais de cinco horas em que falou aos deputados, o responsável atacou em inúmeras direcções, acabando por poupar apenas Vítor Constâncio e a supervisão do Banco de Portugal.

Numa extensa declaração inicial, o ex-presidente do grupo SLN teve por principal alvo os accionistas e denunciou uma "estratégia de boicote" às várias tentativas de venda do grupo, acusando-os que o "desmembra-

mento era o que mais lhes interessava". As revelações de Oliveira Costa incidiram sobretudo sobre Joaquim Coimbra e Adelino Silva. Dias Loureiro também não escapou e foi desmentido na versão dos factos que o tem oposto ao ex-vice governador, António Marta. Também Miguel Cadilhe, ex-presidente do grupo proposto pelos accionistas, esteve na mira do ex-banqueiro.

"Foi um grupo de dez accionistas que manipularam os factos para inviabilizar a venda do grupo a entidades estrangeiras", afirmou Oliveira Costa, acusando os accionistas de terem ini-

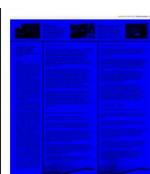
Dias Loureiro tinha um "problema de ego", defendeu Oliveira Costa.

ciado a "destruição da SLN".

O ex-responsável do grupo SLN avançou que entre os vários interessados estavam entidades jordanas e sauditas, bem como o grupo norte-americano Carlyle. Mas todas elas falharam, segundo Oliveira Costa, devido a Joaquim Coimbra, que foi forçando a ruptura das negociações. Uma estratégia, diz, que passou também por uma "atitude doentia e persecutória de um grupo de accionistas, esquecendo-se de milhares de accionistas" e onde "a tática do silêncio foi uma arma mortífera". O ex-banqueiro afirmou que desde Setembro de 2007

que a venda era "a hipótese que não foi rejeitada mas também não foi recebida com o entusiasmo esperado". Concluiu que o grupo de accionistas "mostrou que não estavam disponíveis para vender acções, mas sem se comprometerem com um não formal".

Também Miguel Cadilhe não escapou às acusações do fundador e antigo presidente da SLN e do BPN. Oliveira Costa afirmou, ontem, no Parlamento, que Miguel Cadilhe teria sido "o indutor do boicote" à negociação da venda ao Grupo Carlyle, acusando-o de "lavar as mãos como Pilatos" ao não interferir na venda da ins-



João Paulo Dias



19h37

Termina a leitura

Ao longo de três horas, Oliveira Costa atacou accionistas como Dias Loureiro e Joaquim Coimbra ou até mesmo Miguel Cadilhe. E recusou atacar a supervisão do Banco de Portugal pois "seria profundamente injusto".

Paulo Figueiredo



20h03

Resposta aos deputados

Oliveira Costa recusa a responsabilidade por quaisquer perdas no BPN. O ex-presidente diz ter oferecido "soluções" que não foram aceites, e que fez tudo para salvar a SLN, mas que tal foi inviabilizado por alguns accionistas.

Paula Nunes



"Joaquim Coimbra cozinhou-me em banho-maria e iniciou a destruição da SLN"

tituição bancária a investidores credíveis.

Cadilhe, que presidiu a SLN e BPN depois do afastamento de Oliveira Costa e até à nacionalização do banco, reagiu a estas declarações. "Houve algumas tentativas de aproximação fantasiosas, que surgiam sempre em momentos críticos", disse Cadilhe, em declarações à Lusa.

Na guerra de versões entre Dias Loureiro e o antigo vice-governador do Banco de Portugal, António Marta, é este último que diz a verdade, garante Oliveira Costa. "A verdade está com o Dr. António Marta", afirmou perante os deputados, desmentindo, assim, o ex-administrador da SLN, que tem afirmado que a reunião em Abril de 2001 teve por objectivo alertar o supervisor para a necessidade de ter especial atenção com o BPN.

Oliveira Costa fez questão de contar que Dias Loureiro, logo que regressou ao banco, lhe disse que fez sentir a António Marta que "a supervisão estava constantemente em cima do BPN" e que o ex-vice-governador lhe teria dito que "estava constantemente em cima de todos os bancos, mas que por ser mais pequeno era mais fácil detectar problemas". O ex-presidente do grupo SLN chegou mesmo a referir o "problema de ego" do conselheiro de Estado, adiantando que Dias Loureiro tinha ambição de chegar a vice-presidente da SLN, cargo que "nunca lhe foi prometido por, de resto, nem sequer estar previsto nos estatutos".

Oliveira Costa descarta ainda responsabilidades por todas as perdas atribuídas ao BPN, e que parte delas resultaram de actos de gestão quando já lá não estava. No final de 2008, os prejuízos do BPN ascenderam a 500 milhões de euros. "Parte das perdas resultaram de actos de gestão dos últimos 15 meses com que não tive nada a ver", afirmou, referindo que "houve uma desvalorização de activos decorrente da severa crise" que também contribuiu para o avolumar de imparidades.

Depois de todos os ataques, só Vítor Constâncio e a supervisão escaparam. "Seria profundamente injusto" sacrificar agora o Banco de Portugal, afirmou Oliveira Costa. "Depois de as coisas acontecerem é fácil encontrar soluções", disse. ■

Sobre Dias Loureiro

"O Dr. Dias Loureiro logo que regressou do Banco de Portugal procurou-me para dizer que, conforme me tinha informado, acabara de falar com o Senhor Dr. António Marta e que, em síntese, se tinha passado o seguinte: Tinha-lhe feito sentir que a supervisão estava constantemente a questionar o BPN, mas que ele repudiara a queixa dizendo que o Banco de Portugal estava activo em todos os bancos".

"Julgo que os Senhores Deputados já estavam cientes da verdade. O meu contributo é modesto mas reforça o entendimento de que a verdade está com o Dr. António Marta. Mas o Dr. Dias Loureiro pode ter atenuantes, pois ao suportar a sua versão numa declarada deslealdade, que estilhaça as dez vezes em que enaltece as minhas qualidades, referenciadas em contextos contraditórios com esses valores pessoais, deixa pairar a ideia de que não eram palavras suas".

"Dias Loureiro logo que regressou ao banco foi ter comigo para dizer que tinha ido ao Banco de Portugal. Diz que fez sentir a António Marta que a supervisão estava constantemente em cima do BPN e que Marta lhe teria dito que estava constantemente em cima de todos os bancos, mas que por ser mais pequeno era mais fácil detectar problemas".

Sobre a situação financeira do BPN

"Não se pode dizer que Oliveira Costa é responsável por perdas de um cêntimo que seja"

"Tentar sacrificar a supervisão do BdP pelo que se passou no BPN e no BPP seria profundamente injusto. Tem personalidades de elevada craveira".

"O grupo SLN, através da sociedade OPI 92, tem o património imobiliário, que foi avaliado por uma entidade independente, em 1,3 mil milhões de euros. Além disso, há outros terrenos, em Angola e em Alcochete, entre outras localidades, detidos através de outras empresas".

"O accionista Almiro Silva foi mesmo ao ponto de dizer "isso é uma proposta insultuosa que serve os seus interesses e não os nossos e digo-lhe mais, eu por mim não me importo de perder tudo, o que quero é vê-lo na cadeia".

"Parte das perdas resultaram de actos de gestão dos últimos 15 meses com que não tive nada a ver".

Sobre Joaquim Coimbra

"Foi assim [forçando a ruptura das negociações] que Joaquim Coimbra teve oportunidade de se vingar e iniciar um processo de destruição do grupo SLN".

"Enquanto se preparava uma solução seria e de fundo para a SLN, o grupo dos 4, sob a liderança do conselheiro Coimbra e com a ajuda de Joaquim Nunes estava a preparar o desmembramento do grupo que era a solução que mais lhe convinha".

"Li uma mensagem no telemóvel que dizia sensivelmente o seguinte: Cilada que lhe estavam a fazer foi desmontada por uma ordem que mandou retirar da agenda do conselho do BAI proposta de aquisição posição BPN. preste atenção Nunes/Coimbra".

"Foi com total desprezo pelas centenas de accionistas, milhares de empregados e os verdadeiros interesses do país, que o senhor Joaquim Coimbra se vingou do revés sofrido, pelo facto de uma ordem superior, que não lhe era difícil advinhar a origem, lhe ter retirado a oportunidade de dar início à destruição do grupo SLN. Deve ter delirado pelo duplo sucesso."

Sobre Miguel Cadilhe

"Cadilhe foi indutor do boicote à transacção."

"Miguel Cadilhe recebeu 2,5 vezes o que eu ganhei nos dez anos em que estive à frente do grupo SLN."

"Cadilhe, que poderia ter tido um papel conciliador, preferiu silenciar o que sabia e lavar as mãos como pilatos."

"Pelos declarações do Dr. Cadilhe a esta comissão, parece evidenciar que a sua influência junto do grupo de dez [accionistas] se começou a formar pouco depois de ter sido convidado para presidir à SLN."

"[Miguel] Cadilhe, ao recordar os contactos que tinha havido para negociar o grupo ignorando a Carlyle, tem uma leitura que poderia qualificar, mas na dúvida, prefiro não fazer."

"So na véspera da assembleia que o elegeu, [Cadilhe] é que me telefonou a dizer que tinha aceite o cargo. Ok, disse eu. Tenho pena que não me quisesse ter ouvido. Um dia arrepende-te ás."

DESTAQUE

O BPN tem marcado a vida política e financeira dos últimos meses.**Fevereiro de 2008 Muda presidência**

Oliveira Costa abandona a liderança do grupo SLN/BPN. O presidente do banco Efisa, Abdool Vakil, assume a presidência interina. O BPN já era investigado no quadro da "Operação Furacão".

Junho 2008 Cadilhe entra no BPN

Eleição da nova administração liderada por Miguel Cadilhe, que apresenta um plano de reforço de capital e de reestruturação, além de pedir a realização de uma auditoria externa às contas de todo o grupo.

Novembro 2008 Banco é nacionalizado

A 2 de Novembro, após injectar 350 milhões de euros no BPN através da CGD e do BdP, o Estado anuncia a nacionalização do banco. No dia seguinte dois administradores da CGD são nomeados para gerir o BPN.

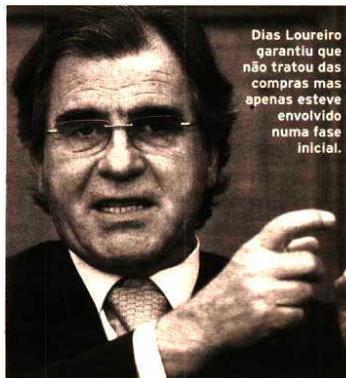
Janeiro de 2009 Primeira audição

A 13 de Janeiro, Oliveira Costa foi chamado, pela primeira vez, à comissão de inquérito, onde não fez declarações alegando o estatuto de arguido. Oliveira Costa foi preso preventivamente a 21 de Novembro de 2008.

Fevereiro 2009 Os esquecimentos

Dias Loureiro começou por não se lembrar ou negar o seu envolvimento em muitos dos negócios. A sua participação no negócio de Porto Rico, é disso exemplo, e que resultou em perdas de 38 milhões de dólares.

Os principais visados



Dias Loureiro garantiu que não tratou das compras mas apenas esteve envolvido numa fase inicial.

Empresário e accionista conspirou

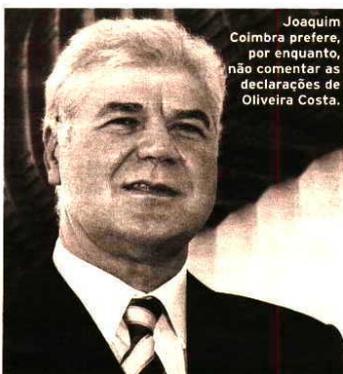
São muitas e variadas as ligações no mundo empresarial deste homem do PSD, que ontem foi um dos principais visados de Oliveira Costa de entre os accionistas da SLN que iniciaram, em 2007, um processo para conseguir a saída do então líder do grupo.

Presente no passado em várias direcções do PSD, onde chegou a integrar a comissão política nacional, e amigo de Marques Mendes, Joaquim Coimbra, é um dos principais accionistas do grupo SLN. Alguém a quem Oliveira Costa fez questão de apontar o dedo na audição de ontem, dizendo que, mais do que qualquer outro investidor, quis mantê-lo "acantonado para o poder cozinhar em banho-maria".

Para além das acusações de vingança, garantiu que "Joaquim Coimbra, com Joaquim Nunes, estavam a preparar o desmantelamento do grupo", tendo tentado travar quaisquer tentativas de venda da SLN por parte de Oliveira Costa.

Ao contrário do que aconteceu com Dias Loureiro, as acusações a Coimbra residem sobretudo sobre as suas tentativas de o retirar da liderança do grupo. E pouco sobre o seu eventual conhecimento de decisões de gestão da administração da SLN. Ontem, ao Diário Económico, Coimbra explicou não poder, por enquanto, fazer comentários. "Não ouvi as declarações que foram proferidas; enquanto isso não poderei fazer quaisquer comentários". ■ M.A.B e S.A.S.

"Quando ouvi Oliveira Costa mencionar problemas no "BI", não pensava tratar-se do Banco Insular", disse Joaquim Coimbra.



Joaquim Coimbra prefere, por enquanto, não comentar as declarações de Oliveira Costa.

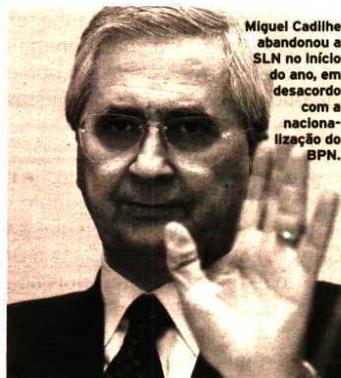
Conselheiro de Estado mentiu

O conselheiro de Estado de Cavaco Silva, Manuel Dias Loureiro, é agora um dos nomes mais polémicos do caso BPN. A contradição instalou-se com as contradições nas suas declarações, face, por exemplo, às afirmações do Banco de Portugal e, sobretudo, pelo facto de o seu nome estar ligado a actos sob os quais recaí a suspeita de alegada irregularidade.

Um envolvimento nada pacífico, confirmado ontem pelas declarações de Oliveira Costa a seu respeito. Foi vasto e forte o rol de acusações do antigo presidente do grupo SLN a Dias Loureiro. De acordo com Oliveira Costa, o antigo ministro da Administração Interna de Cavaco Silva queria tomar o seu lugar, mentiu quanto à reunião que teve no Banco de Portugal e foi parte activa no negócio da Biometrics Imagineering e da NewTechnologie, as duas empresas tecnológicas com sede em Porto Rico que foram compradas pela SLN, de que Dias Loureiro era então administrador.

O alegado envolvimento na compra das duas empresas tecnológicas, que se revelou particularmente danosa para o grupo, foi um dos pontos fulcrais que ensombream as ligações do antigo ministro do PSD à 'holding' que detém o BPN. E que motivou em parte uma segunda audição de Dias Loureiro no Parlamento. ■ M.A.B e S.A.S.

"O negócio de Porto Rico é um desvio estratégico de conveniência", disse Oliveira Costa.



Miguel Cadilhe abandonou a SLN no início do ano, em desacordo com a nacionalização do BPN.

Críticas ao sucessor na SLN

À primeira vista, Miguel Cadilhe era talvez o alvo que menos se esperaria que Oliveira Costa fosse escolher de entre os nomes que fez questão de mencionar, ainda antes de qualquer pergunta dos deputados, ontem, no parlamento.

O homem que saiu da SLN em discordância com a nacionalização do BPN e, ao que se sabe, por pressão de alguns dos principais accionistas do grupo, foi mesmo alertado para não aceitar o cargo que acabou por assumir em Julho de 2008, chegando mesmo a dizer a Cadilhe que um dia se iria arrepender. Sobre o trabalho desenvolvido pelo antigo ministro das Finanças e administrador do BCP, disse que "poderia ter tido um papel conciliador mas preferiu silenciar o que sabia e lavar as mãos como Pilatos".

Oliveira Costa lamentou por outro lado que Cadilhe tenha impedido a venda da SLN, que admitiu ter continuado a negociar mesmo depois de sair da gestão do grupo. Mais uma vez nada meigo nas palavras, Oliveira Costa fez questão ainda de referir que Cadilhe, enquanto esteve à frente do grupo, "recebeu 2,5 vezes" o que aquele ganhou nos dez anos em que liderou a SLN. ■ M.A.B e S.A.S.

Miguel Cadilhe podia ter tido um papel conciliador, afirma Oliveira Costa

SOBRE DIAS LOUREIRO

"A verdade está com o Dr. António Marta; Dias Loureiro [segundo disse a Oliveira Costa] fez sentir a Marta que a supervisão estava constantemente em cima do BPN e que ele repudiava esse modelo de intervenção".

SOBRE JOAQUIM COIMBRA

Coimbra quis "manter-me acantonado para me poder cozinhar em lume-brando".

"Um grupo de dez accionistas, em particular o grupo dos 4, manipulou os factos para impedir a venda da SLN a um grupo de entidades estrangeiras".

"Joaquim Coimbra estava a preparar o desmantelamento do grupo".

SOBRE MIGUEL CADILHE

"A entrada de Miguel Cadilhe custou 2,5 vezes mais do que eu ganhei durante dez anos".

"Ainda antes da entrada de Cadilhe, disse-lhe que antes de assumir o cargo devia falar comigo" e depois disse-lhe: "tenho pena que não me tenhas ouvido; um dia arrepender-te-ás".

"Cadilhe optou por lavar as mãos como Pilatos".

Conselho de Estado. As declarações de José Oliveira Costa sobre Manuel Dias Loureiro, ontem na Comissão de Inquérito ao BPN, abriram uma cisão entre os membros do órgão de consulta do Presidente da República. João Lobo Antunes, ex-mandatário nacional de Cavaco Silva, defende a saída imediata de Dias Loureiro e diz que já está posta em causa a dignidade do cargo

LOBO ANTUNES DIZ QUE SAÍDA DE LOUREIRO É UM "DEVER PATRIÓTICO"

JOÃO PEDRO HENRIQUES

João Lobo Antunes, membro do Conselho de Estado por escolha pessoal do Presidente da República, defende que Manuel Dias Loureiro se deve demitir daquele órgão, onde também está por indicação de Cavaco Silva. "Ele está numa posição difícil de sustentar, seria um dever patriótico", disse ontem o neurocirurgião ao DN.

Para João Lobo Antunes, o que "está em causa é a dignidade do cargo de conselheiro de Estado". "Há cargos que transcendem quem os ocupa, este é um deles", acrescentou, garantindo ainda que se ele próprio estivesse na posição de Dias Loureiro já se teria afastado. E essa demissão, fez ainda questão de sublinhar, "não implicaria nenhum juízo sobre a presunção da inocência" do ex-ministro dos governos PSD. "Essa presunção de inocência não está também em causa", enfatizou.

No Conselho de Estado, João Lobo Antunes, neurocirurgião catedrático, é uma das figuras mais próximas do Presidente da República - uma afinidade que tanto é política como pessoal. Foi aliás seu mandatário nacional na campanha presidencial (2006) que elegeu Cavaco Silva. Nas presidenciais anteriores (2001) tinha exercido igual cargo na campanha de Jorge Sampaio, de quem é amigo pessoal há muitos anos.

O DN tentou contactar outros membros do Conselho de Estado, como Manuel Alegre e Almeida Santos. O primeiro escusou-se a tecer comentários: "Precisamente por ser membro do Conselho de Estado, não me pronuncio sobre outros conselheiros", disse ao DN. Adiantando ainda que não quer dizer se o órgão deveria ou não reunir para discutir o caso. "Isso é um problema do Presidente da República, ele é que pode ou não convocá-lo", disse o deputado ao DN.

Já Almeida Santos revelou-se incontactável. O grupo dos conselheiros indicados pelo PR inclui, além de Lobo Antunes e de Dias Loureiro, o ex-dirigente do CDS Miguel Anacoreta Correia, a ex-ministra Leonor Beleza e o ex-líder do PSD Marcelo Rebelo de Sousa. Convocar, ou não, o Conselho de Estado para discutir este caso - e outras situações, como a evolução económica da crise? Há vários meses que Cavaco Silva é pressionado para o fazer, embora sempre recusando.

Em 30 de Abril passado, o Presidente emitiu mesmo uma extensa nota informativa. Depois de uma exaustiva enumeração do total de reuniões convocadas pelos seus antecessores em Belém, bem como os respectivos motivos, Cavaco Silva recordou ter já convocado por três vezes este seu órgão de aconselhamento ("uma sobre



Declarações de Oliveira Costa (à dir.) sobre Dias Loureiro (à esq.) são incómodas para Cavaco Silva



Rui Hortelão

Ele está numa posição difícil de sustentar, seria um dever patriótico [sair do Conselho de Estado]

Está em causa é a dignidade do cargo de conselheiro de Estado

Há cargos que transcendem quem os ocupa, este é um deles

João Lobo Antunes
Conselheiro de Estado



a participação das forças militares e militarizadas portuguesas em operações de paz, uma sobre a dissolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira e outra sobre a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia"). Acrescentando que "de acordo com os registos dispo-

níveis, nunca, nos últimos 23 anos, o Conselho de Estado se reuniu para discutir políticas sectoriais, como a economia, a educação, a saúde, a justiça ou outras". Pode portanto "concluir-se, assim, que o Conselho de Estado, enquanto órgão consultivo do Presidente da República, tem sido por este convocado sempre que a Constituição o exige".

No início deste mês (dia 5), Cavaco falou especificamente do "caso Dias Loureiro" dizendo que todos os 19 membros do CE lhe merecem, por igual, o maior respeito.

O Presidente falou pela primeira vez sobre este assunto em 24 de Novembro do ano passado, recomendando que os analistas lessem com atenção a lei do CE. Isto para fazer a mensagem de que ele próprio não poderia demitir Dias Loureiro, só este poderia renunciar. No dia seguinte, depois de uma conversa com o seu ex-ministro, afirmou não ter "qualquer razão para duvidar da sua palavra". Este tinha-lhe garantido "solenemente que não cometeu qualquer irregularidade". ■

apesar de a sua assinatura constar de um documento que lhe foi exibido pelo CDS. Porém, respondeu: "Não me revejo nisto, pode haver falsificação da assinatura, ainda por cima a minha assinatura é fácil de falsificar."

O ex-presidente do BPN deixou um recado aos deputados da comissão de inquérito: "Se fossem esmiuçar as coisas como estão a fazer aqui, levavam ao colapso da banca portuguesa." ■



Quanto vale esta vingança

Primero o silêncio. Talvez numa derradeira tentativa de buscar solidariedade. Depois um terramoto de acusações, quando todos o votaram à solidão. Levava pouco interesse pelas perguntas dos deputados, por isso quase não respondeu a nenhuma de forma concreta. José Oliveira Costa guardou os substantivos para o texto que preparara na prisão. E, um a um, acusou todos os que o implicam. Procurou dar pureza às palavras através da vitimização, mas o exagero com que o fez denuncia que a sua súbita disponibilidade para colaborar encerra interesses muito pessoais.

Mas as acusações são incontornáveis. Para atingidos e Justiça. Dias Loureiro, que quando o escândalo estourou até se disse "surpreendido", viu subir o mar de contradições em que está mergulhado para níveis que tornam o afogamento quase inevitável.

O Ministério Público está agora obrigado a chamá-lo a depor. Pelo menos como testemunha, embora a imunidade de conselheiro de Estado esteja a estilhar-se e a consequência pareça apontar em sentido único: a constituição de arguido.

No entanto, mesmo após as declarações de Oliveira Costa, a questão central mantém-se. Saber quem contribuiu, mais ou menos, para a ruína do BPN é secundário. O que é preciso descobrir é onde foi parar o dinheiro e os que dele se apoderaram de forma criminoso. ■

Director adjunto

Ministério Público obrigado a chamar o ex-ministro de Cavaco

Revelações de Oliveira Costa comprometem conselheiro de Estado em vários negócios do grupo BPN. Manuel Dias Loureiro será chamado a depor

CARLOS RODRIGUES LIMA

"Agora não há volta a dar. Ele terá que ser chamado ao inquérito." Foi assim que fonte judicial conhecedora do caso BPN, que está a ser investigado pelo Ministério Público, comentou ao DN as declarações de Oliveira Costa, ontem no Parlamento, e a consequência das mesmas para Dias

Loureiro: o Ministério Público terá que ouvir o actual conselheiro de Estado, uma vez que o seu nome foi implicado em vários negócios concretos.

A investigação decorre no Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP) e, até ontem à noite, segundo o DN apurou, não foi pedido ao Conselho de Estado o levantamento da imuni-

dade a Dias Loureiro para este prestar declarações no processo. Ontem, quando confrontado com o desfecho do negócio de Porto Rico (em que uma empresa foi vendida por um dólar), e no qual Dias Loureiro esteve directamente envolvido, Oliveira Costa foi claro: "Vou entregar isto ao Ministério Público", disse, acrescentado que desconhecia o desfecho do mesmo,



VEJA MAIS

Vídeos - As polémicas declarações de Oliveira Costa na Assembleia da República

As principais afirmações de Oliveira Costa

[Afirmações de Dias Loureiro na AR] permitiram-lhe grandes economias sobre a verdade factual

A entrada de Miguel Cadilhe [no BPN] custou 2,5 vezes mais do que eu ganhei durante 10 anos

Joaquim Coimbra cozinhou-me em banho-maria e iniciou a destruição do grupo SLN

Grupo de 10 accionistas, em particular o grupo dos 4, manipulou factos para impedir venda da SLN

Oliveira Costa arrasa Dias Loureiro

Audição. Problemas de ego, ameaças, foram algumas das palavras do ex-presidente do BPN sobre o actual conselheiro de Estado. "Nunca esperei que dissesse bem de mim", respondeu Manuel Dias Loureiro

■ CARLOS RODRIGUES LIMA

"Nunca esperei que Oliveira Costa dissesse bem de mim", foi esta a reacção de Manuel Dias Loureiro depois de um dia em que o seu nome foi arrasado por José Oliveira Costa na Comissão Parlamentar de Inquérito ao BPN. Aos deputados, o ex-presidente do BPN contou que quando comunicou a Dias Loureiro que não pretendia renovar-lhe o mandato como administrador, este lhe respondeu: "Veja lá como me trata, olhe que eu quando me hostilizam não sou para brincadeiras."

As referências no Parlamento a Dias Loureiro ocuparam grande parte da intervenção inicial de José Oliveira Costa, que se encontra preso preventivamente no âmbito do caso BPN. Primeiro, para desmentir o actual conselheiro de Estado no episódio com António Marta, ex-vice-governador do Banco de Portugal. Dias Loureiro jura a pés juntos que foi ao BdP transmitir a preocupação quanto ao modelo de gestão do BPN, António Marta, por sua vez, garante que a conversa teve a ver com a supervisão. E que Dias Loureiro terá manifestado degrado pelo facto de o BdP estar sempre "em cima" do BPN. Ontem, Oliveira Costa sintetizou: "A verdade está com António Marta."

Ironicamente, Oliveira Costa dis-

se, porém, que Dias Loureiro poderia ter "atenuantes". Porque a versão por si apresentada poderia resultar "não de palavras suas", mas sim "de incontroláveis impulsos" do seu próprio ego.

Oliveira Costa contou ainda como é que Dias Loureiro participou em vários negócios do grupo SLN. Mas, pelas suas palavras, não ficou com uma boa impressão do trabalho realizado. "O mandato de Dias Loureiro no grupo terminou como começou: a criar problemas, mas negando sempre estar na origem da sua génese", disse o ex-presidente do BPN na Comissão Parlamentar de Inquérito.

Sobre o actual conselheiro de Estado, Oliveira Costa disse ainda que chegou a ter conhecimento que Dias Loureiro terá dito, no final de 2002, quanto entrou para o grupo BPN, que em "seis meses seria o seu presidente". "Em certo círculos terá chegado mesmo a intitular-se presidente do BPN", disse o ex-banqueiro aos deputados.

As críticas de Oliveira Costa entenderam-se depois a Miguel Cadilhe, um dos gestores que lhe sucederam na presidência do BPN. Cadilhe foi acusado de ganhar duas vezes mais do que Oliveira Costa ganhou em dez anos e de não ter considerado devidamente propostas para a compra do BPN que lhe terão chegado. "Houve algumas tentativas de aproximação fantasiosas, que surgiam sempre em momentos críticos", como a véspera de reunião de accionistas, da apresentação do plano de salvamento ou conferências de imprensa, mas "nunca tive nenhuma proposta efectiva ou credível", respondeu Miguel Cadilhe em declarações à agência Lusa.

A audição de Oliveira Costa prolongou-se pela noite de ontem, com os deputados a questionarem Oliveira Costa. O ex-presidente do BPN apenas fez questão de se remeter ao silêncio quando foi questionado sobre o Banco Insular. ■



Insular preparou 'casa' em Lisboa

O Banco Insular de Cabo Verde (BI) chegou a preparar, em 2001, a instalação de uma sucursal em Portugal. Ontem, aos deputados da Comissão Parlamentar de Inquérito, José Oliveira Costa negou que tivesse conhecimento dessa iniciativa. Mas numa carta de Setembro de 2001 assinada por José Vaz Mascarenhas, director do BI, a que o DN teve acesso, é dito que foi apresentado a José Oliveira Costa um memorando no qual se dá conta da aquisição de um escritório e de mobiliário para o Banco Insular em Lisboa ou na periferia, como no Tagus Park, Miraflores ou Quinta da Beloura. Vaz Mascarenhas chega a dizer a Nuno de Almeida que Oliveira Costa concordou com a aquisição de uma fracção.

PCP quer queixa-crime contra Banco de Portugal

Comunistas dizem que recusa do supervisor em entregar documentos constitui "desobediência qualificada". Vitor Constâncio devia demitir-se

O PCP defende que a Comissão Parlamentar de Inquérito ao caso BPN deveria avançar com uma queixa-crime junto do Ministério Público contra o Banco de Portugal (BdP), por "desobediência qualificada".

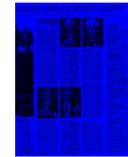
Em causa está a recusa do organismo liderado por Vitor Constâncio em facultar documentos pedidos pelos deputados, alegando segredo

profissional e bancário. Um argumento que não colhe junto dos comunistas, que invocam o regime jurídico dos inquéritos - que estabelece que as comissões podem "solicitar por escrito ao Governo, às autoridades judiciárias, aos órgãos da Administração ou a entidades privadas documentos que julguem úteis à realização do inquérito". Mais: "As comissões têm direito à coadjuvação (...) nos mesmos termos que os tribunais."

As críticas do deputado comunista Honório Novo, que ontem falou no Parlamento, vão também pa-

ra o PS, que há três meses recusou uma proposta para requerer ao Tribunal da Relação o levantamento do sigilo invocado pelo BdPA opção foi então a de pedir um parecer ao jurisconsulto Nuno Piçarra, a que o BdP contrapôs um outro, de sentido contrário, recusando pela segunda vez a entrega de documentos à comissão. A proposta do BdP deveria ser votada ontem, após a audição a Oliveira Costa (que ainda decorria à hora de fecho desta edição). Mas o destino deverá ser o chumbo pela maioria parlamentar.

Quanto a Vitor Constâncio, Honório Novo diz que não é esta situação que faz a diferença: "Já tem matéria, de facto e conteúdo, para há muito tempo ter pedido a demissão." ■ SUSETE FRANCISCO



Dias Loureiro intitulou-se em certos círculos presidente do BPN [e que o seria] dentro de seis meses

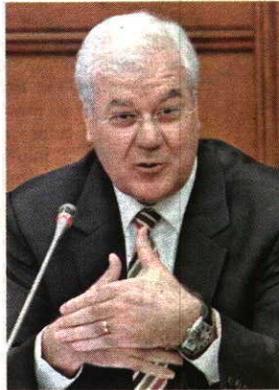
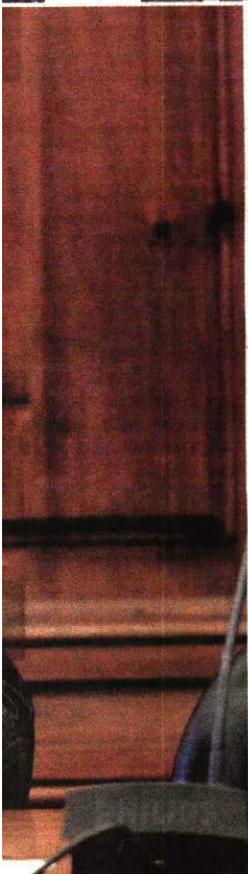
Dias Loureiro disse (...) que queria Daniel Sanches para 'controller' do grupo, mas deve ter sido lapso

O mandato de Dias Loureiro no grupo [SLN] terminou como começou: a criar problemas...

Eu sei que há documentos que contêm a minha assinatura que são falsos

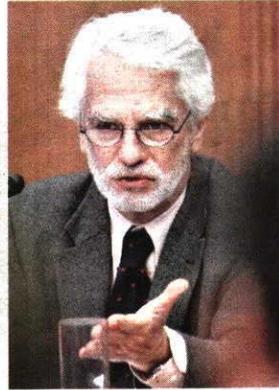
Os ataques a Coimbra, Loureiro e Cadilhe

A intenção foi logo perceptível: Oliveira Costa pretendeu passar a mensagem de que, a existirem crimes no BPN, ele não é o único responsável. As acusações do ex-presidente do BPN passaram por Dias Loureiro, de quem disse ter problemas com o ego, por Joaquim Coimbra, accionista do BPN, que no passado foi um dos seus fiéis, e ainda por Miguel Cadilhe, que sucedeu a Abdool Vakil na presidência do Grupo Sociedade Lusa de Negócios. Sobre Dias Loureiro, acusou-o de "descarada deslealdade", desmentido-o no episódio da conversa com António Marta, ex-vice-governador do Banco de Portugal. Joaquim Coimbra foi apontado como o principal protagonista de um grupo de accionistas que se juntou para o destituir, acusando-o ainda de ter estado na origem do cancelamento de vários negócios para a venda do grupo SLN. Oliveira Costa revelou ainda que o empresário libanês El Assir lhe foi apresentado por Dias Loureiro como uma pessoa com fortes contactos internacionais. Só que acabou por, segundo o ex-presidente do BPN, fazer chantagem para a concretização de um negócio em Porto Rico. Oliveira Costa revelou ainda que a família real saudita esteve interessada na compra do BPN. ■



Joaquim Coimbra

● É um dos principais accionistas do BPN, foi fundador do semanário *Sol* e, ontem, foi cilindrado por Oliveira Costa. O ex-presidente do BPN acusou directamente Joaquim Coimbra de ter sido o responsável pelo fracasso da venda do grupo Sociedade Lusa de Negócios a investidores estrangeiros, como o grupo Carlyle. Joaquim Coimbra, segundo Oliveira Costa, terá mesmo ordenado o cancelamento de uma viagem aos EUA de representantes do BPN que iam negociar com o grupo Carlyle. Oliveira Costa colocou Coimbra na posição de conspirador para a sua destituição da presidência do BPN, considerando que o empresário liderava um "grupo" de accionistas que pretendia "desmembrar" o grupo SLN.



António Marta

● O ex-vice governador do Banco de Portugal (BdP) sai incólume do furacão provocado por José Oliveira Costa. O antigo presidente do BPN, que foi colega de Marta no Banco de Portugal, foi claro em afirmar que, no episódio da conversa entre Dias Loureiro e o ex-vice governador do BdP, Marta é quem fala a verdade. Recorde-se: Dias Loureiro afirmou que foi ao BdP transmitir a sua preocupação quanto ao modelo de gestão do BPN. António Marta declarou que o actual conselheiro de Estado lhe foi pedir para a supervisão não andar sempre a chatear o BPN. "Julgo que os senhores deputados já estavam cientes da verdade", disse, em tom irónico, o ex-presidente do BPN.

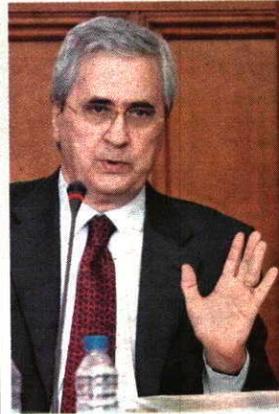
Muhamed F. El Reshid

● Foi um nome que apareceu, ontem, lançado por Oliveira Costa, que o descreveu como embaixador "parente das famílias reais da Arábia Saudita e da Jordânia". Esta personagem terá abordado o BPN, manifestando interesse na compra do grupo económico. Oliveira Costa chegou a dizer que, caso o negócio avançasse, El Reshid estaria ainda disponível para tapar o buraco financeiro no Banco Insular de Cabo Verde, levando à integração plena deste no grupo Sociedade Lusa de Negócios. Pelas declarações do ex-presidente do BPN, El Reshid representava interesses da Arábia Saudita. O embaixador saudita chegou a reunir na Suíça com advogados portugueses, que representavam o BPN, para discutir os trâmites do negócio. Mas, tal como a venda à Carlyle, não houve um acordo final.



Manuel Dias Loureiro

● Foi o nome mais visado por Oliveira Costa. Dias Loureiro, que esteve já duas vezes na Comissão de Inquérito ao BPN, foi desmentido em toda a linha na audição de ontem. A começar pelas duas versões sobre a conversa mantida entre o ex-ministro e António Marta, ex-vice governador do Banco de Portugal. Oliveira Costa foi categórico a sustentar que Dias Loureiro mentiu - "A verdade está do lado de António Marta". O ex-homem forte do BPN envolveu também o antigo colaborador nos negócios de Marrocos e de Porto Rico e, ao contrário do que afirmou Dias Loureiro aos deputados, disse que este nunca se quis desvincular do grupo. E acusou-o de "descarada deslealdade".



Miguel Cadilhe

● "A entrada do dr. Miguel Cadilhe [no grupo SLN] custou duas vezes e meia mais do que eu ganhei durante 10 anos." Foi quase em tom de aparte que Oliveira Costa se referiu aos custos para o grupo daquele que foi o seu sucessor na liderança da SLN e do BPN. De Cadilhe disse também que "lavou as mãos como Pilatos" - ou seja, na versão de Oliveira Costa, Cadilhe poderia ter exercido um "papel de mediação" entre os diferentes interesses dos accionistas, aquando de uma tentativa de venda do grupo, em 2008, mas terá preferido não o fazer. Acusações já rejeitadas pelo próprio: "Nunca tive nenhuma proposta efectiva ou credível" de venda, afirmou Miguel Cadilhe à agência Lusa.

Abdul El Assir

● Empresário libanês, surge no universo BPN indicado por Dias Loureiro. Oliveira Costa afirmou ontem não saber como é que Dias Loureiro conheceu El Assir. Apenas declarou que lhe foi apresentado como "um homem de negócios, muito bem relacionado com importantes personalidades políticas e empresariais de expressão mundial". El Assir aparece ligado a um negócio do grupo BPN em Marrocos e a outro em Porto Rico, ambos com a intervenção de Dias Loureiro. Oliveira Costa contou que chegou a ser alvo de chantagem por parte do libanês, que terá feito depender o seu apoio ao negócio de Marrocos da concretização de outro em Porto Rico. Este acabou por ser desastroso.

Quando surgiu o Banco Português de Negócios?

Foi em 1993, resultando da fusão das financeiras Soserfin e Norcrédito, já com negócios na área da banca de investimento. Américo Amorim era o principal accionista, mas o empresário saiu do banco em 1997.

Oliveira e Costa é líder do BPN desde o início?

Não. Em 1998, Oliveira e Costa - ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais no último governo de Cavaco Silva - assume a liderança do grupo SLN/BPN e transforma a marca num banco comercial.

Como surge o Banco Insular em Cabo Verde e que serviu para operações em offshore?

Foi em 2002, quando o BPN comprou o banco Efisa, liderado por Abdool Karim Vakil e a corretora Fincor. O Banco Insular, surge no pacote da Fincor, mas a sua existência não foi comunicada ao Banco de Portugal.

Quando começam os negócios internacionais do banco?

Também em 2002. Alejandro Agag, genro do ex-primeiro ministro espanhol José Maria Aznar, abandona a política e passa a colaborar com o BPN. A operação internacionalização dá um passo com a compra da financeira Itauvest, do grupo brasileiro Banco Itaú. No ano seguinte, abre o BPN Brasil.

Quando começam os problemas com o Banco de Portugal?

Já em 2007, o banco central pede a Oliveira e Costa a clarificação das áreas de negócio, ao mesmo tempo um grupo de accionistas - entre os quais Joaquim Coimbra - entra em rota de colisão com o então presidente do banco.

Porque sai Oliveira e Costa do BPN em Fevereiro de 2008?

Oficialmente por questões de saúde. Mas as dissensões internas eram visíveis e Abdool Vakil assume a presidência interina...

A "Operação Furacão" entra no banco?

Sim, em Fevereiro do ano passado. Os investigadores procuravam indícios de crimes de fraude fiscal e branqueamento de capitais.

Quando é que o banco foi nacionalizado?

Foi a 2 de Novembro do ano passado que o Governo anunciou a nacionalização do banco, a primeira em 30 anos, para "salvaguardar os depósitos dos clientes". Mas antes, Miguel Cadilhe, que tinha ocupado a presidência em Junho, procura vender património e, após um empréstimo da CGD de 200 milhões de euros em Outubro, tentou um aumento de capital do banco de 300 milhões de euros. No mesmo mês, Cadilhe denunciou a existência de "crimes financeiros". A 3 de Novembro dois administradores da CGD entram no BPP. ■ R. R.

Uma longa audição. Eram 16.30, trinta minutos depois da hora marcada para a audição, quando José Oliveira Costa chegou à Assembleia da República, num carro celular, acompanhado por guardas prisionais. Amparado para subir as escadas, entrou pela porta lateral mais próxima da sala onde decorreu a comissão (uma entrada que habitualmente não é utilizada). Foi o início de uma maratona que se prolongou por mais de sete horas, as primeiras três para ler a declaração que já trazia preparada.